

O curandeiro

27.XII.53 Raul Pilla

ERA médico de fama. Ninguém sabia exatamente por que, mas curvavam-se quase todos ante suas supostas e miríficas virtudes. Num país em que poucos utilizam o cérebro, a propaganda intensa e hábil transformou-o logo num tauturgo, embora não se lhe soubessem os milagres.

Sendo dos menos indicados para o tratar, começaram por lhe entregar o doente. Era este pessoa de prol, conhecida em todo o mundo por sua desmedida estatura e suas muitas riquezas, mais potenciais, do que reais. Não era doença grave: talvez distúrbios do crescimento, que com o tempo e alguns cuidados se dissipariam.

Faz mais de vinte anos que o medico tomou conta do doente e seus achaques. Vinte anos, incluido o periodo em que alguns membros da familia, revoltados com o curandeiro, o expulsaram da cabeceira. Expulsaram-no, mas ele voltou algum tempo depois, porque o proprio doente (agora verdadeiramente doente) o reclamou. Já não podia passar sem as artimanhas, que não o melhoravam, mas o iludiam.

E o gigante, exangue e quase exanime, está sendo submetido ao mais cruel dos tratamentos. Depois da mais intensa ação expoliativa, que deixa o paciente sem sangue e sem forças, a mais violenta intervenção convulsiva, a que nem um organismo robusto poderia resistir sem graves danos.

Até quando resistirá o doente? Ninguém o poderá prever, pois já espanta que tenna resistido tanto. O médico, se tal se pode chamar, não desiste e, antes, parece requintar em seu insensato tratamento. Mal o gigante esgotado parece querer refazer-se da ação expoliativa, uma aplicação convulsiva o abala em tôdas as suas fibras.

Esta é a fábula de um curandeiro: mas fábula verídica, que todos estamos vivendo, ou de que todos estamos morrendo.